

Editorial

A *Verinotio* – Revista on-line de Educação e Ciências Humanas é uma revista semestral exclusivamente virtual e está filiada ao Grupo de Pesquisa: Marxologia, Filosofia e Estudos Confluentes da UFMG, vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. O propósito da *Revista Verinotio* é difundir produções teóricas e estabelecer intercâmbio entre grupos de pesquisas que atuem no campo do *marxismo*, do *humanismo* e concepções filosóficas *contracorrente* – que desenvolvam críticas ao pensamento predominante diluído nas diversas vertentes do liberalismo, do marxismo vulgar, do anti-humanismo e do irracionalismo.

A nona edição da *Revista Verinotio* vem a público com um conjunto de artigos, entrevista e depoimentos que elucidam – nas possibilidades e nos limites de uma revista – o perfil, o itinerário e a obra de J. Chasin. Edição especial que homenageia os dez anos de sua morte, ocorrida em dezembro de 1998. Coletânea cujo mérito reside em abordar aspectos diferenciados da evolução intelectual do autor, os temas mais relevantes e sua importância, bem como os desafios e as dificuldades inerentes a um intelectual que, da perspectiva marxiana, desde logo ousou criticar as proposições teóricas e organizacionais das esquerdas, como também o leque ideal e prático da direita, no âmbito nacional e internacional. Revista, deste modo, organizada em torno de temáticas que, desde a juventude, ou balizaram e fizeram parte das preocupações teóricas e da crítica aguda de J. Chasin, ou foram se constituindo, ao longo de sua trajetória intelectual, em marco decisivo e inovador de sua ideação e de seus objetivos.

Seja como for, este número especial emerge com o propósito de resgatar a memória, para o debate e a historiografia brasileira do intelectual singular, forjado no movimento de decifrar e compreender o caso brasileiro, não isoladamente, mas nas desejáveis articulações com a crítica que permite o entendimento da realidade internacional. Movimento uníssono de uma subjetividade preocupada em responder conscientemente às urgências e dilemas do estado de coisas atual. De modo que este número se insere no movimento que quer a polêmica e não se furta à discussão e ao debate, mas com uma única exigência: a da honestidade intelectual capaz de re-

conhecer identidades e desavenças solidamente argumentadas e no contraste do que empiricamente é possível observar. Assim, esperamos evitar – no debate – o puro subjetivismo de concepções arcaicas, muitas vezes amparadas na mera vontade das velhas agremiações partidárias ou, ainda, daquelas advindas dos meios acadêmicos cuja crença unilateral na vontade não é menor.

Comparecem, ainda, textos cuja orgânica se inspiram, embora mediatamente, nos assuntos e/ou legados afins deixados por J. Chasin. É o caso do artigo sobre *Música e Mimesis*, da entrevista de G. Lukács ao jornal *Der Spiegel* e da resenha do livro, recém-lançado no Brasil, de Nicolas Tertulian. Temas atados à esfera estética, de Aristóteles a Lukács, que pela relevância dos autores examinados, permite articular pontes com o pensamento de Marx e, deste modo, endossam os objetivos deste número especial. Já o artigo *Gramsci su Vico* se vincula ao propósito de explicitar a natureza do pensamento político do mais influente marxista italiano do século passado, debate que, em nossos dias, é foco de polêmicas e disputas acerca de seu legado.

Cabem, ainda, algumas palavras sobre os artigos e sua unidade temática.

Os artigos de Ana Selva Albinati e Antônio José Lopes Alves, intitulados *J. Chasin: a ontonegatividade da politicidade em Marx* e *J. Chasin e a descoberta do estatuto ontológico da obra de Marx*, respectivamente, imbricam-se mutuamente em seu tecido teórico. Do primeiro emerge a caracterização da crítica da política e do estado formuladas por Marx, vale dizer: a ontonegatividade da política, pois Marx a concebe como predicado extrínseco ao ser social, isto é, como entificação presente e necessária só e apenas no longo percurso da pré-história humana. Em termos diversos, a política não é atributo eterno e natural ao ser social antes, pelo contrário, emerge dos constrangimentos societários que impedem o autodesenvolvimento dos indivíduos e da sociabilidade. Assim, a crítica da política é caracterizada por J. Chasin como *metapolítica*, ou seja, cabe à política e sua prática superar a própria política e o estado. Do segundo artigo comparece a caracterização do estatuto ontológico em Marx. A filosofia marxiana é compreendida na singularidade de crítica ontológica do existente e, deste modo, a realidade é chamada a amparar a ideação configurada. Diversamente, a crítica marxiana formulada ao estado atual de coisas tem o peso da sensibilidade que limita e fornece as condições em que a ideação ganha feitiço analítico próprio. Assim, no e pelo contraste histórico, Marx é levado a configurar a individualidade socialmente posta, nos interstícios do homem ativo, de seus dilemas e das perspectivas de superação da *barbárie como lepra da civilização*, para usar uma expressão marxiana consagrada. De modo que J. Chasin redescobre em Marx o homem ativo, senhor de suas possibilidades, dono de potências infinitas.

Ainda sobre as conquistas teóricas no plano filosófico, figura o artigo de Ronaldo Vielmi Fortes, que representa esforço válido no sentido de identificar as possíveis diferenças e identidades das reflexões sobre o caráter ontológico do pensamento de Marx entre Lukács e Chasin. De fato, trata-se de tarefa inadiável, dada a necessidade não só de evitar identificações que não respeitam a letra nem de um nem de outro, mas também de evitar a banalização de esforço intelectual de grande monta.

Quanto aos artigos voltados à realidade brasileira, a unidade é exemplar. Os textos de Antônio Rago Filho (sobre Plínio Salgado) e Sabina Maura (Sobre a teoria da Via Colonial) demonstram a preocupação central de J. Chasin de compreender a realidade brasileira nas dimensões de sua formação ideal e histórica. Trata-se do encontro do pensamento agrário de Salgado que, no hiper-atraso de nossa condição social (a *Via Colonial*), emerge como possibilidade de fato, a sustentar um ideário radicalmente improgressivo e insustentável. Também com a atenção voltada aos textos de J. Chasin que se debruçaram sobre a “analítica paulista” – expressão por ele mesmo cunhada para designar as derivações do “marxismo adstingido” – Vânia Assunção e Lúcia Valadares empenharam-se de modo exitoso em, de um lado, caracterizar as linhas de interpretação da realidade brasileira e latino-americana que se tornaram dominantes em nosso meio acadêmico, mas com grande irradiação política, e, de outro sobre a propositura crítica que Chasin desenvolveu frente ao que ele mesmo denominou, em artigo de 1989, de “quadrúpede teórico”.

Por fim, algumas considerações sobre a Entrevista.

Ao expor a memória de J. Chasin, a entrevista que ora se publica nasce com mérito preciso: evitar que a figura e o trabalho intelectual de J. Chasin se percam ou se diluam no tempo. Tarefa difícil em que ainda mais em épocas onde tudo é relativizado, tudo passa então, a ser subjetivamente sentido e visto. De modo que a entrevista entremonstra o perfil e o ideário de J. Chasin, sua formação e desenvolvimento e sua atuação política. Um leque amplo produzindo imagens de um intelectual aguerrido que sustentava suas teses e convicções até o fim. Não por teimosia, mas simplesmente porque acreditava nas pessoas e nas suas potencialidades.

Ester Vaisman

